

“Sem religião” no Brasil: um grupo que ainda não ultrapassou a perspectiva religiosa?

“Brazilian nonreligious”: a segment that has not yet overcome the religious perspective?

*David Mesquiati de Oliveira**

*Julio Cezar de Paula Brotto***

Resumo

O descritor *sem religião* identificado nos censos oficiais brasileiros tem despertado o interesse dos pesquisadores das ciências da religião e da teologia no intuito de buscar compreender qual o perfil e a racionalidade que move esses brasileiros que se declararam sem religião. Quais críticas estariam veladas nesta auto declaração? Como aproximar-se do tema sem cair na perspectiva das religiões tradicionais que estão perdendo membros que se deslocam em milhões para compor esse novo segmento no campo religioso brasileiro? E mais, quão novo seria esse grupo dos sem religião em perspectiva histórica comparada? Essas são algumas questões iniciais que moveram essa pesquisa. Por meio de uma breve revisão bibliográfica, buscou-se levantar algumas questões sobre essa temática. De importância capital é a abordagem a partir da noção de interculturalidade, como instrumento que permitiria apreciar positivamente os diversos grupos do campo cultural e religioso brasileiro. Cada um, inclusive os auto-declarados sem religião, teriam algo para contribuir ao entendimento das religiões e suas tradições no Brasil.

Palavras-chave: Sem religião. Religião e sociedade. Interculturalidade.

Abstract

The non-religion descriptor identified in official Brazilian censuses has aroused the interest of researchers in the sciences of religion and theology in order to seek to understand the profile and rationality that moves these Brazilians who declared themselves without religion. What criticisms would be veiled in this self-declaration? How to approach the theme without falling into the perspective of the traditional religions that are losing members moving in millions to compose this new segment in the Brazilian religious field? Moreover, how new would this group of non-religion be in a comparative historical perspective? These are some of the initial questions that moved this research. Through a brief bibliographical review, this article tried to raise the main questions on this subject. It's fundamental the approach based on the notion of interculturality, as an instrument that would allow a positive appreciation of the various groups in the Brazilian religious field. Each one, including self-declared ones without religion, would have something to contribute to the understanding of the religions and their traditions in Brazil.

Keywords: Nonreligious. Religion and society. Interculturality.

* Doutor em Teologia (PUC-Rio). Docente do Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões da Faculdade Unida de Vitória (UNIDA). E-mail: david@faculdadeunida.com.br

** Doutor em Teologia (PUC-Rio). Docente do Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões da Faculdade Unida de Vitória (UNIDA). E-mail: julio.brotto@faculdadeunida.com.br

Introdução

Este texto busca desenvolver alguns *insights* sobre os “sem religião” no Brasil, anuindo que parte dos pontos levantados merecem tratativa mais aprofundada posterior. O propósito, no entanto, é contribuir para o debate por meio de novas possibilidades de entendimento desse grupo crescente nos censos oficiais. Considerando-se o Censo 2010, o campo religioso brasileiro pode ser caracterizado pela redução do percentual de católicos, pelo aumento dos evangélicos e pela ampliação daqueles que se declararam “sem religião”. A pesquisa censitária indicou o aumento dos que se declararam “sem religião”, ainda que em ritmo inferior ao da década anterior. Segundo o Censo, de 7,28% em 2000, esse grupo aumentou para 8% em 2010. Em termos percentuais parece pouco. Contudo, o número de pessoas que se declararam “sem religião”, alcança aproximadamente quinze milhões. Quinze milhões de pessoas que se entendem “sem religião” é uma informação que desperta interesse por parte dos pesquisadores. A que se pode atribuir essa declaração? Estaria a religião, deixando de ser significativa para esses brasileiros que assim se assumem? Poderia essa assunção de ser alguém “sem religião” vincular-se a uma ausência de pertença/pertencimento e a desafeição em relação ao grupo religioso?

A contemporaneidade determina um tipo de mentalidade que atua nas identidades e sistemas de sentido do indivíduo. O que determinaria essa mentalidade é a relativização do papel da religião na vida de cada indivíduo. Tanto a adesão religiosa quanto a admissão de não vinculação a uma determinada pertença religiosa são desencadeadas por essa mentalidade contemporânea (Villasenor, 2013, p. 7). E esse cenário não é mera exacerbação de características de momentos anteriores, mas representa, de alguma forma uma novidade:

A humanidade atualmente experimenta um momento histórico que não pode ser considerado, nem comum, nem incomum na sua história. A humanidade experimenta uma mudança de época. Não apenas uma época de mudanças aceleradas, mas uma mudança generalizada que afeta a vida como um todo. Não é um evento incomum, porque a humanidade já experimentou mudanças de épocas noutras ocasiões. Tampouco é um evento comum, porque uma mudança de época não ocorre com frequência. (Brotto, 2016, p. 16)

A liberdade religiosa e a oferta cada vez maior de pertencimentos religiosos extra-institucionais e para-institucionais que aparecem e se

multiplicam podem indicar possíveis razões para os que se manifestam como “sem religião”.

Percebe-se pelas variadas compreensões acerca desta atual mudança de época, que a humanidade vive um período de incertezas que afeta a maneira como se lida com valores, costumes, tradição e crenças, anteriormente entendidos como estáveis, imutáveis, aparentemente eternos, e que impulsionavam a humanidade para o futuro. Não se pode falar mais de um pensamento único. Há diferentes diagnósticos e diferentes interpretações sobre esta mudança de época. O pluralismo contemporâneo promove a noção de que diferentes grupos possuem diferentes visões de mundo, sendo que nenhuma delas pode se julgar superior ou inferior às outras. (Brotto, 2016, p. 17)

O presente artigo procura entender quem são os que se declaram “sem religião” e os possíveis motivos para esta manifestação a partir do que se tem convencionalmente chamado de evangélicos. Considerando um ambiente de hegemonia do cristianismo, estariam esses sem religião, mas que carregam uma cosmovisão cristã, tanto evangélicos como católicos, resgatando o sentido mais denso e tenso de ser cristão? Considerando que Jesus, os primeiros discípulos dele e a igreja primitiva utilizaram termos seculares e não religiosos para darem sentido à vida e a vivência diária, poder-se-ia identificar nos “sem religião” um movimento de volta ou de radicalização do que teria sido a proposta original de ser a igreja algo para além do templo, além de ser uma crítica às típicas noções de religião no ocidente?

1. Sem religião: o que isso significa?

Em primeiro lugar, o que se quer dizer com esse vocábulo “religião”? Para além das querelas sobre definições de religião, a pergunta aqui é no sentido da diversidade da religião. Raúl Fornet-Betancourt (2007) faz este exercício analisando a crise da religião na Europa. Aqui, adaptaremos aquela reflexão para o caso brasileiro. Existem muitas religiões e no interior delas há distintas tradições. Ao construir este descritor, “sem religião”, a questão recai sobre as grandes religiões monoteístas como Judaísmo, Cristianismo e Islamismo? Ou refere-se a questões institucionais e doutrinárias? Seria a religião “natural” (no arcabouço do iluminismo) ou as religiões civis e laicas? Ou ainda, de forma mais específica, seria uma referência tácita ao cristianismo? (especialmente ao

catolicismo, que vem perdendo milhões de membros nas últimas décadas?). É importante precisar essa classificação.

Alguns pesquisadores identificam os “sem religião” com uma crise institucional, como o caso da Denise Rodrigues (2012). Em tempo de mudanças e diante de uma provável mudança de época, comportamentos relacionados a termos como “tradição”, “apego”, “segmento”, etc. não são mais indicadas para designar o tipo de relação entre indivíduos e instituições de todo tipo, incluindo as religiosas. Com a autonomia do sujeito, a religião teria ficado sensível aos ditames e parâmetros de cada fiel, pulverizando interpretações particulares dos textos sagrados em detrimento de interpretações colegiadas e ancoradas na patrística ou em documentos das igrejas; tentada pelo novo em oposição ao convencional; submetido o crivo das escolhas ao subjetivo e experiencial em oposição à lógica da autoridade e hierarquia, entre outros fatores. Assim, não há necessidade de intermediário nem de instituições. Como afirmou Denise Rodrigues (2012, p. 1152), os sem religião representam “uma crise do pertencimento religioso de um tipo de indivíduo que assimilou a liberdade religiosa declarando-se sem religião”. No dizer de Rafael Villasenor (2013, p. 2-9),

[...] os sem religião teriam uma religiosidade própria, sem vínculo institucional, [...] porque moldam a sua própria religiosidade apropriando-se de elementos e fragmentos vindos de diversos sistemas religiosos. [...] Em muitos casos explica-se uma combinação de símbolos e práticas exclusivamente cristãos, fato que reforça a crise de pertença às instituições religiosas.

Parece apontar para uma desinstitucionalização religiosa e a manifestação de uma religiosidade não visível do que a não existência de uma ou qualquer religião. Há indivíduos sem pertença religiosa, porém que acreditam em algum tipo de divindade ou num ser supremo. O indivíduo não faz uma adesão a uma religião institucionalizada, porém, em seu lugar, restringe sua religiosidade a um sentimento pessoal, íntimo, que muitas vezes não necessita estar associado de uma explícita adesão externa institucional.

Pedro Oliveira (2012), em sentido mais explícito, vê os “sem religião” como aqueles que teriam abandonado o catolicismo. Em sua análise, aponta o caminho para a Igreja Católica no Brasil recuperar esses sem religião ou impedir novas migrações apelando para o fortalecimento dos vínculos institucionais entre a liderança e os membros da igreja, aproximando clero e leigos. Ele propõe “criar

maior sintonia entre a hierarquia e a massa de fiéis, de modo a infundir na sociedade os valores éticos que dão identidade ao catolicismo” (Oliveira, 2012, p. 1252). Isto é, nessa abordagem, aos “sem religião” é negado lugar próprio e existência, pois devem ser combatidos, evitados e reconquistados.

Dessa forma, as pessoas que se auto declararam como sem religião se mostrariam um interessante e polissêmico grupo. A outra parte desse descritor, *sem religião*, pode dar margem para a ideia de que “falta algo”, que se estaria inacabado ou incompleto do ponto de vista religioso. Nessa abordagem negativa do outro o lugar próprio desse sem religião seria permanentemente negado. Na literatura são fartos os adjetivos em tom negativo para designar e qualificar esse grupo: “peregrinos do sentido”, “redefinindo identidade”, sem ligações afetuosas, ex-católico, ex-evangélico, entre outros. A academia, sem perceber, acaba reproduzindo a ótica das religiões tradicionais, as mais afetadas por essa desfiliação consciente.

As religiões e as suas tradições religiosas internas passam por diferentes processos históricos e entram em crise. Essas crises são *gestadas* nas tradições e refundam tradições (Cf. Fonet-Batancourt, 2007, p. 152). Assim, a novidade da crise na religião será sempre *relativa*. Tradições fundantes podem se desgastar e o uso que delas se faz pode também se alterar, dependendo das relações que se estabeleçam com a memória coletiva e religiosa. Como bem observou Fonet-Batancourt (2007, p. 154), as crises da religião são também crises de suas referências fundantes.

Por isso, não seria adequado tratar a crise atual envolvendo o tema do chamado sem religião como se fosse uma novidade de corte histórico recente. Neste texto, de forma intencional, busca-se relativizar essa suposta novidade. Dois exemplos concretos na história poderiam corroborar esta atitude. O primeiro vem do século XVI, com a chamada Reforma radical, em que alguns reformadores espiritualistas, como Gaspar Schwenkfeld e Sebastian Franck, em nome da experiência interior do Espírito, dispensavam os sacramentos (como o batismo e a santa ceia), inclusive a própria ideia de igreja. Eles defendiam grupos de comunhão para estudos sobre as Escrituras e sobre literatura. Por isso foram rejeitados tanto pela ala protestante clássica, como os luteranos e os calvinistas, quanto pelos católicos (Williams, 1984). Nesse caso, apesar de seus detratores afirmarem que eles eram contra a religião, eles estavam mais para críticos do

cristianismo institucional, especialmente do modelo de igrejas nacionais ou territoriais. O segundo exemplo é ainda mais recuado na história, remontando-se aos filósofos pré-socráticos e, em continuidade, Platão, Sócrates e os estoicos. Já naquele período o politeísmo e o antropomorfismo foram criticados, ampliando-se as críticas em várias direções. Apesar das críticas e das crises, a religião veio se reinventando ao longo dos séculos. Assim, o sem religião hoje não poderia ser considerado uma novidade no campo religioso, apesar dos números antes da década de noventa não serem expressivos do ponto de vista quantitativo. Isso não quer dizer que, como cientista da religião, não seja necessário perguntar pelas causas do recente crescimento desse grupo ou pela suposta ausência deles anteriormente.

2. Os sem religião em uma perspectiva positiva

O esforço aqui é no sentido de apreciar o tema dos sem religião como algo positivo na contemporaneidade, como parte de uma sociedade plural e dinâmica. Pensar os sem religião como sujeitos no campo religioso e para além dele.

Regina Novaes (2013) identificou nesse grupo dos um perfil jovem, urbano, de lares multirreligiosos e com forte presença no sudeste do Brasil. A partir desses dados podemos inferir que necessariamente não seriam pessoas sem o elemento religioso, seja pela proximidade do contato com diferentes religiões e pela formação familiar de cunho religioso. Nesse sentido, é possível falar não em termos de *ausência de religião*, mas de *excesso de religião*, pensadas como oferta de sentido para a vida. Essa intuição para pensar a religião no tempo atual já havia sido trabalhada por Peter Berger, por exemplo, não sem críticas. Entre esses que se declararam sem religião nos últimos censos oficiais é possível supor que haja grupos que participam de duas ou mais religiões, uma espécie de pan-religião, envolta por uma ecumenicidade que não faz questão de se definir por uma ou outra específica.

Trazendo um dado mais específico, Elizabeth Pissolato (2013) apontou que 14% dos indígenas identificados nos últimos censos no Brasil se auto declararam sem religião. Esse é um dado muito significativo, pois está claro que a religiosidade indígena não é semelhante à racionalidade ocidental hegemônica que definiu o que é religião a partir da intelectualização fragmentada do saber e do pensar (Cf. Fornet-Betancourt, 2007, p. 74). Para o indígena a religião está

integrada holisticamente à vida. Sua auto-declaração pode ser um tipo de protesto contra aquilo que no ocidente se mostra fragmentado e instrumentalizado pela economia de mercados. Desta forma, seria inadequado conceber a cultura indígena sem as concepções religiosas. “Sem religião” para estes indígenas auto-declarantes seria mais no sentido de não pertencer ao cristianismo, a religião externa que mais avançou nos territórios ameríndios.

Voltando-se para o Brasil que se mostra homogeneizado pela cultura ocidental e com isso invisibiliza diferentes grupos humanos e etnias, a força por detrás da auto declaração dos sem religião no Censo pode ser compreendida a partir de algumas questões centrais. Em primeiro lugar, destacam-se as questões contingenciais do momento histórico, em que rápidas e profundas mudanças se cristalizaram na sociedade brasileira, como o acelerado processo de urbanização, a Proclamação da República no final do século XIX, a corrupção com seus nefastos efeitos sobre a qualidade de vida do povo e a corrosão da esperança no futuro, a industrialização, o avanço tecnológico, a popularização dos processos de escolarização, entre tantos outros fatores, que podem dar a dimensão das transformações que influenciaram o século XX no Brasil. Junto com essas transformações nas sociedades tradicionais, vieram as inovações, com nova possibilidade de se viver e pensar o mundo, com religião e para além das estruturas até então consignadas. Nesse sentido, identificamos quanto à origem nessa massa de milhões de sem religião um subgrupo que seria fruto direto dessa nova configuração social e cultural, ao qual denominaremos aqui como *sem religião societário*, no sentido de ser fruto da vida em sociedade, ambientado em seu tempo.

Os sem religião do tipo societário seriam fruto de uma crise histórica que vem se construindo desde a chamada Modernidade a partir do século XVI. O Ocidente, ao descobrir sua subjetividade a partir do paradigma do sujeito, ensejou diferentes processos emancipatórios, inclusive da religião. No caso da América Latina, por exemplo, esse processo teria recebido novos impulsos com os processos de emancipação cultural e teológica em relação à Europa. Emancipar-se do cristianismo como uma religião estrangeira e sob forte tutela da conquista europeia (lusitana e espanhola), era uma forma de emancipar-se e desenvolver a identidade latino-americana (Fornet-Betancourt, 2007, p. 158). Diferente de outras regiões em que houve uma troca das religiões estrangeiras por religiões autóctones, por conta do baixo número de indígenas no país e da pouca presença

indígena nos cenários urbanos, na sociedade brasileira não houve essa substituição de uma religião por outra, mas uma desvinculação. Apesar de não ter claro para onde iria em termos de nova religiosidade, estava claro, no entanto, para esses sem religião societários sua certeza de que não ficaria na religião à qual estava ligado.

Um segundo subgrupo seria identificado como *sem religião institucional*, em uma referência aos aspectos doutrinários e relativos à hierarquia religiosa. O controle institucional das igrejas tem criado embaraços, perseguições, cismas, etc. fazendo com que muitos fiéis se frustrem com as comunidades de fé e busquem outros espaços “mais saudáveis” e menos formais para seguir vivendo a fé sob novas formas e expressões culturais e religiosas. Essa opção pode ser entendida como uma forma de resistência à pretensão homogeneizadora e centralizadora de algumas religiões e tradições sobre os indivíduos. Os sem religião podem representar, assim, o grito de vítimas esclarecidas, uma resistência subversiva. Em alguns casos poderia significar um meio de enfrentamento à violência simbólica das religiões instaladas no país.

Um terceiro subgrupo seria os *sem religião de espiritualidades próprias*. Vinculado ao subgrupo anterior, este seria mais ativo na busca de desenvolver espiritualidades próprias. Não estariam no rol de membros das igrejas de origem, no caso dos que estavam vinculados ao cristianismo, mas reproduziriam uma vivência em pequenos grupos em espaços alternativos, seja em encontros em pizzarias, grupos de interesse em esporte praticado em conjunto, entre outras formas de agrupamentos ou de tribos urbanas, como forma de recriar vivências significantes. Esses três subgrupos dentre os sem religião seriam indicações de que esse grupo não é nada homogêneo.

No tópico a seguir, a ideia é refletir sobre como os sem religião oriundos das igrejas evangélicas, diferenciando-se do tradicional fluxo anterior e ainda vigente, de recorte católico, poderiam representar um foco de atenção para as pesquisas na área de ciências da religião e teologia.

3. Os sem religião oriundos do segmento evangélico

Em entrevista concedida ao IHU ON-Line em 17 de agosto de 2012, acerca da diminuição do crescimento evangélico e o aumento dos evangélicos

sem igreja e dos brasileiros sem religião, Paulo Ayres Mattos (2012, p. 30) afirmou que diante dos dados religiosos do último censo, “o fato mais importante” é a diminuição do crescimento dos evangélicos na última década, comparando com os dados da década anterior. Ao lado deste dado, Mattos destaca outro fato pouco estudado e analisado no Brasil, que é o aumento dos evangélicos “sem igreja” e dos brasileiros “sem religião”: “O que mais tem chamado a atenção é a diminuição pela metade do ímpeto do crescimento institucional dos evangélicos e o aumento dos evangélicos sem igreja e dos brasileiros sem religião” (Mattos, 2012, p. 35).

O que significaria ser evangélico “sem igreja”? Deduz-se que seriam aqueles que ainda mantêm algum vínculo de afeição com determinada denominação/confissão, mas não mantiveram a pertença, isto é, não estão mais contabilizados no rol de membros de uma comunidade de fé específica.

Ainda que a afirmação de Mattos não faça referência específica a uma possível contribuição dos evangélicos para a massa daqueles que se declaram “sem religião”, é preciso avaliar que, há igrejas evangélicas que sofreram redução em seus quadros, e que de alguma forma contribuíram para engrossar as fileiras desse grupo. Além desse fato é preciso analisar também esse grupo de evangélicos pela ótica de sua decisão de abrirem mão de uma pertença institucional. Esse dado concreto exigiria pesquisa de campo. No entanto, o objetivo deste artigo é mais modesto e caracteriza-se por uma visão panorâmica.

O conceito pertença/desafeição religiosa como chave de leitura das estatísticas acerca dos que se declaram “sem religião” no Brasil poderia ajudar a entender este movimento.

O binômio conceitual formado pela pertença formado e desafeição religiosa foi muito utilizado pela Psicossociologia Religiosa dos anos 1950 e 60, quando a aplicação das técnicas de pesquisa social - questionários, entrevistas, *surveys*, sondagens, amostras estatísticas e outras - ao estudo das práticas e crenças religiosas deu origem à “Sociologia Religiosa”. Seus primórdios se situam nos anos 1940, na França: ao aplicar questionários a todas as pessoas presentes à missa dominical e comparar os resultados aos dados censitários, o cônego Gabriel Le Bras criou uma técnica de pesquisa que permitia detectar, com razoável segurança matemática, quais eram os segmentos sociais mais presentes à missa - que é o principal indicador da vinculação do fiel católico à Igreja (Oliveira, 2012, p. 1232)

Pedro Oliveira (2012) descreve com clareza as dificuldades epistemológicas do conceito ou “binômio conceitual”.¹ Não se fará esta discussão neste artigo por se considerar que o “binômio conceitual” será utilizado como categoria apenas hermenêutica. A partir deste pressuposto será possível pensar que os evangélicos também contribuíram para o aumento dos que se afirmam “sem religião”.

Quando se analisa os recenseamentos demográficos é possível verificar com clareza dois movimentos: os quadros católicos diminuem enquanto os quadros evangélicos aumentam. Mas, percebe-se também que os quadros dos “sem religião” aumentam. Mas, a força de crescimento dos evangélicos já não é a mesma. Se for possível argumentar que o crescimento evangélico que “[...] não pode ser muito otimizado [...]” está relacionado a uma diminuição de seus quadros porque alimenta em alguma medida os quadros dos “sem religião”, poder-se-á afirmar que este movimento ocorre em função da perda da noção ou sentimento de pertença e a conseqüente desafeição em relação às origens institucionais.

4. Comparação de recenseamentos demográficos de 1950 a 2010 – Religiões

Uma observação da evolução dos percentuais dos “sem religião”, em diferentes períodos censitários, ilustra de maneira clara que o aumento percentual tem se mostrado significativo e não pode ser menosprezado. Em 2010 eram mais de quinze milhões de brasileiros e brasileiras.

Os “sem religião”, que no censo de 2000 representavam a terceira maior declaração de crença no Brasil mantiveram o seu crescimento, ainda que em ritmo menor do que o ocorrido na década anterior. Eles eram 7,28% no censo de 2000 e subiram agora para 8% (um índice que comporta mais de 15 milhões de pessoas), e o seu registro mais significativo continua sendo no Sudeste. (Teixeira, 2012, p. 12)

A afirmação acima fica clara de ser observada na figura 1 que elenca as séries censitárias de 1950 até 2010.

Figura 1 - Evolução dos “sem religião” em percentual da população brasileira

Censos	1950	1960	1970	1980	1991	2000	2010
Sem religião	0,5	0,5	0,8	1,6	4,8	7,28	8,04

Fonte: IBGE

É possível que as pessoas, por motivos diversos, se sintam mais à vontade para admitirem publicamente não estarem filiadas ou vinculadas com alguma instituição religiosa. Mas, esta admissão, não indica necessariamente, que se tornaram não religiosas ou fizeram uma opção por serem agnósticas ou tenham abraçado alguma forma de ateísmo. Pode-se aventar a hipótese que muitas pessoas estão desencantadas com a religião enquanto instituição. Quando uma pessoa se declara, no Censo, filiada a alguma confessionalidade, ainda que não seja praticante, ela indica que há um vínculo afetivo com aquela confissão, por questões familiares, de amizade, de coesão social. Portanto, quando ela se sente livre para afirmar que não se considera mais filiada a uma determinada religião, aquele vínculo afetivo de alguma maneira se rompeu. Este é um conceito que auxiliaria na tentativa de mapear e compreender esta massa dos “sem religião”, que se presume, não é homogênea.

Comparando-se os dados das séries históricas e estatísticas dos Censos do IBGE no período 1950-2010 verifica-se a perda de membros da Igreja Católica.

A comparação entre os dados dos censos de 1991, 2000 e 2010 evidencia a perda de membros da Igreja Católica. [...] Os números já foram bastante divulgados e não vamos reproduzi-los aqui. [...] Note-se que essas perdas não foram lineares, mas atingiram certos setores sociais mais do que outros. (Oliveira, 2012, p. 1234)

Figura 2 – Evolução dos “católicos” em percentual da população brasileira

Censos	1950	1960	1970	1980	1991	2000	2010
Católicos	93,5	93,1	91,8	89,0	83,8	73,8	64,6

Fonte: IBGE

Se por um lado é possível traçar a evolução da queda do número dos católicos, tendo como base diversas pesquisas, e vincular estes que se designam agora como “sem religião”, provenientes do catolicismo, conforme se percebe na figura 2, também será possível vincular os evangélicos sendo responsáveis por

fornecer parte de membros de suas fileiras para os “sem religião”, ainda que estejam crescendo quantitativamente, pois também haveria desfiliação de suas fileiras.

A figura 3 demonstra que houve uma diminuição na taxa de crescimento dos evangélicos. Este movimento ou fenômeno é indicativo e não pode ficar despercebido quando se analisa os que se entendem como “sem religião”.

[...] o fato mais importante do último censo é a confirmação de um dado já identificado anteriormente, trabalhado com bastante competência por sociólogos da religião como Paul Freston, da Universidade de São Carlos, que diz respeito à diminuição do ímpeto do crescimento dos evangélicos na última década quando comparado com o crescimento da década anterior. De 1991-2000 os evangélicos em geral cresceram cerca de 120%; na década de 2001 a 2010 os evangélicos cresceram aproximadamente 62%. Isso não pode ser ignorado de forma alguma para quem trabalha com rigor e seriedade as mudanças no campo religioso brasileiro. (Mattos, 2012, p. 31)

Figura 3 – Evolução dos “evangélicos” em percentual da população brasileira

Censos	1950	1960	1970	1980	1991	2000	2010
Evangélicos	3,4	4,0	5,2	6,6	9,1	15,5	22,16

Fonte: IBGE

Apesar de ter diminuído a taxa de crescimento, os evangélicos continuaram crescendo significativamente no último censo brasileiro.

Considerações finais

Nesta altura é possível apontar para uma reflexão sobre o fenômeno dos “sem religião” a partir de elementos indicativos que permitiriam uma análise mais qualitativa. José Vieira (2015, p. 611) afirma:

- o fenômeno dos sem religião não indica necessariamente o crescimento do ateísmo, mas o rompimento crescente de indivíduos quer com as instituições religiosas, quer com a religião (doutrina/crenças);
- a crença em algo transcendente, que para a maioria é Deus, é o elemento divisor do grupo dos sem religiões. Os que creem cultivam essa crença desligados das instituições religiosas e independentes das prescrições da religião;

- entre os vários valores, implícitos ou evidentes, o amor ao próximo é o primordial e, em grau de importância, está acima de qualquer religião;
- para os sem religião é claro que os valores que devem nortear a nossa vida na atualidade podem ser cultivados fora da religião, porque “*uma pessoa pode ser boa independentemente da religião*”.

A estes aspectos, destacaríamos outras questões, de cunho teológico cristão:

1. O termo grego *ekklesia* (lat. *ecclesia*) utilizado no Novo Testamento para designar o projeto de Jesus de uma comunidade era um termo secular (se o uso do termo *ecclesia* foi intencional, ele deixou de fora outros termos com carga explicitamente religiosa, como “tenda da congregação”, “templo” ou mesmo “sinagoga”), mas usou *ecclesia* (literalmente “ajuntamento”), uma palavra sem aplicação até então de sentido religioso (Cf. Bosch, 2002).

2. Da mesma forma os termos aplicados para as lideranças da nascente igreja do século I, que adotou nomenclaturas como *apóstolo* (“enviado”), *presbítero* (“ancião”), *bispo* (“supervisor”), entre outros. Nenhum deles com conotação religiosa, senão de gestão e operacionais.

3. Depreende-se que a ideia de Jesus e o que a igreja naquele período entendeu era para que esse ajuntamento de pessoas fosse algo para além do templo, tanto é assim, que durante quatro séculos a igreja teria sido igreja em sentido pleno, embora não tivesse templos. Parte da crise atual poderia estar vinculada a uma visão estreita de igreja que a mantém vinculada aos templos, sem dar continuidade às perspectivas comunitárias de ajuntamento que caracterizaram sua fundação.

4. O diferencial da proposta de Jesus naquele, tempo frente às religiões, era ser uma proposta para a vida, para a existência, isto é, não em chave meramente religiosa, mas secular. Seus métodos heterodoxos foram contestados uma e outra vez pelos religiosos mais estritos.

5. É possível inferir que não havia uma preocupação central de reavivar o sentimento religioso das pessoas, mas em tornar a vida delas mais significativa. A preocupação era de cunho ético e vivencial, uma preocupação com a qualidade de vida delas. Essa havia sido também a preocupação dos profetas do Antigo Testamento, que buscavam superar uma religião sacerdotal e formal por uma

vida e ética, uma religião prática. Max Weber chamou esse processo de secularização.

6. Estava em construção a proposta de uma espiritualidade prática e mais holística.

7. Na narrativa envolvendo uma mulher samaritana ela teria perguntado se a adoração verdadeira era em Jerusalém ou em Gerizim, ao que Jesus teria respondido que *nenhum dos dois* ou *todos os dois*, isto é, não importava o lugar, o mais importante era adorar “em espírito e em verdade” (João 4).

O “sem religião” não precisa ser descrito como uma pessoa incompleta “sem algo” ou indefinida (ex-católico, ex-evangélico, *peregrino do sentido*), mas pode ser mais bem compreendido como alguém que se está descobrindo com uma nova identidade. Afinal, as identidades não são estanques, mas dinâmicas, alterando-se em contato com outras identidades e contingenciamentos históricos. Considerando o ambiente de forte presença cristã no Brasil e os dois exemplos referidos neste texto envolvendo contestação dos modelos eclesiais, como parte das comunidades jesuânicas de religiosidade prática e sem templos do século I e de algumas comunidades radicais espiritualistas do século XVI que não tinham apegos aos elementos externos e sacramentais do cristianismo da época (eram restauracionistas no sentido mais amplo da palavra “radical”, latim *radix*, “raízes”), é possível que parte considerável dos “sem religião” hoje sejam reflexo dessa espiritualidade mais radical que não vê sentido nos templos e nas mediações formais da religião, como os sacramentos, textos sagrados, entre outros. Há um caminho longo a se percorrer na escuta e mapeamento desse grupo.

Referências bibliográficas

BOSCH, David. *Missão transformadora*. São Leopoldo: Sinodal, 2002.

BROTTO, Julio Cezar de Paula. *O eternamente novo no mesmo evangelho: implicações teológico-pastorais para a evangelização das tribos urbanas de rosto underground*. 2016. 212 f. Tese (Doutorado) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Teologia, 2016.

FORNET-BETANCOURT, Raúl. *Religião e interculturalidade*. São Leopoldo: Sinodal; Harmonia, 2007.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Censo demográfico 2010*. Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência. Rio de Janeiro: CCDI, 2010. Disponível em: <<https://goo.gl/aK7SoA>>. Acesso em: 03 ago. 2017.

_____. *Séries históricas e estatísticas*. Disponível em: <<https://goo.gl/Hm6xrU>>. Acesso em: 03 ago. 2017.

_____. *Tendências demográficas no período de 1950/2000*. Disponível em: <<https://goo.gl/QMZ87G>>. Acesso em: 03 ago. 2017.

MATTOS, Paulo Ayres. A relevante queda do crescimento evangélico revelado pelo Censo 2010. *Cadernos IHU em formação*, São Leopoldo, a. 8, n. 43, p. 30-35, 2012. Disponível em: <<http://bit.ly/NsbbKk>>. Acesso em: 10 ago. 2017.

NOVAES, Regina. Jovens sem religião: sinais de outros tempos. p. 175-190. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (Orgs.). *Religiões em movimento: o Censo de 2010*. Petrópolis: Vozes, 2013.

OLIVEIRA, Pedro Assis Ribeiro de Pertença/desafeição religiosa: recuperando um antigo conceito para entender o catolicismo hoje. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 10, n. 28, p. 1230-1254, out./dez. 2012, p. 1232. Disponível em: <<https://goo.gl/FjpXMK>>. Acesso em: 10 ago. 2017.

PISSOLATO, Elizabeth. “Tradições indígenas” nos censos brasileiros – Questões em torno do reconhecimento indígena e da relação entre indígenas e religião. p. 235-252. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (Orgs.). *Religiões em movimento: o Censo de 2010*. Petrópolis: Vozes, 2013.

RODRIGUES, Denise dos Santos. Os sem religião nos censos brasileiros: sinal de uma crise do pertencimento institucional. *Revista Nures*, a. IX, n. 23, p. 1130-1153, janeiro-abril de 2013. Disponível em: <<https://goo.gl/Xbrx3z>>. Acesso em: 17 ago. 2017.

TEIXEIRA, Faustino. Catolicismo no Brasil em declínio: os dados do Censo de 2010. *Cadernos IHU em formação*, São Leopoldo, a. 8, n. 43, p. 12-13, 2012. Disponível em: <<http://bit.ly/NsbbKk>>. Acesso em: 10 ago. 2017.

TEIXEIRA, Faustino. O Censo de 2010 e as religiões no Brasil: esboço de apresentação. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (Orgs.). *Religiões em movimento: o Censo de 2010*. Petrópolis: Vozes, 2013.

VIEIRA, José Álvaro Campos. Os “sem religião”: dados para estimular a reflexão sobre o fenômeno. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 13, n. 37, p. 605-612, janeiro-março 2015. Disponível em: <<https://goo.gl/7nZXuW>>. Acesso em: 17 ago. 2017.

VILLASENOR, Rafael Lopez. Crise institucional: os sem religião de religiosidade própria. *Revista Nures*, São Paulo, a. IX, n. 23, p. 1-13, janeiro-abril de 2013. Disponível em: <<https://goo.gl/WQj6bx>>. Acesso em: 10 ago. 2017.

WILLIAMS, George. *La reforma radical*. México: FCE, 1984.

¹ Para maior compreensão da origem, uso e desuso do “binômio conceitual” pertença/desafeição religiosa ver o artigo de OLIVEIRA, Pedro Assis Ribeiro. Pertença/desafeição religiosa: recuperando um antigo conceito para entender o catolicismo hoje. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 10, n. 28, p. 1230-1254, out./dez. 2012.

Recebido em 11/10/2017, revisado em 03/02/2018, aceito para publicação em 05/04/2018.